

FRANCISCO I. C. LAMEIRA



**Contribuições para o Estudo da Escultura  
Renascentista Algarvia**

**A Talha da Igreja de St.<sup>a</sup> Bárbara de Nexe**



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n. 191

Cota n.º

5-5  
2-2  
  




CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DA ESCULTURA  
RENASCENTISTA ALGARVIA

# A Talha da Igreja de St.<sup>a</sup> Barbara de Nexe

*Pelo Dr.*

FRANCISCO I. C. LAMEIRA

Casa da Cultura António Bentes  
Biblioteca

(Separata do Boletim Paroquial «O Encontro»)

SANTA BARBARA DE NEXE

1990

De acordo com os objectivos do Jornal «O ENCONTRO», pretende-se proporcionar aos nossos paroquianos e leitores a possibilidade de conhecer os diversos aspectos culturais da Freguesia.

Neste âmbito resolvemos publicar em separata os artigos do nosso jovem colaborador, o Dr. Francisco Lameira, especialista em História de Arte, que se debruçam sobre um tema de bastante interesse para a história local.

O Pároco,

*Júlio Tropa Mendes*

Nos meados do século XVI a freguesia de Santa Bárbara de Nexa tinha noventa vizinhos distribuídos por trezentas pessoas de confissão e comunhão e cento e cinquenta de confissão somente. Esta população dedicava-se predominantemente à agricultura, pois pagava ao capelão uma arroba de figos e um alqueire de trigo em troca do serviço religioso prestado aos domingos e nos dias de festa.

No conjunto da aldeia destacava-se a igreja, rodeada pelo adro e pelo rossio fronteiro e por casas que se distribuíam por entre o arvoredado, em particular figueiras, oliveiras, zambujeiros, etc., que chegava praticamente à matriz. Destas habitações sobressaíam umas casas mais próximas da igreja, que eram as que habitava o ermitão e outras mais afastadas, com estrabaria, em que residia o capelão, sendo uma das divisões sobradada de quatro águas.

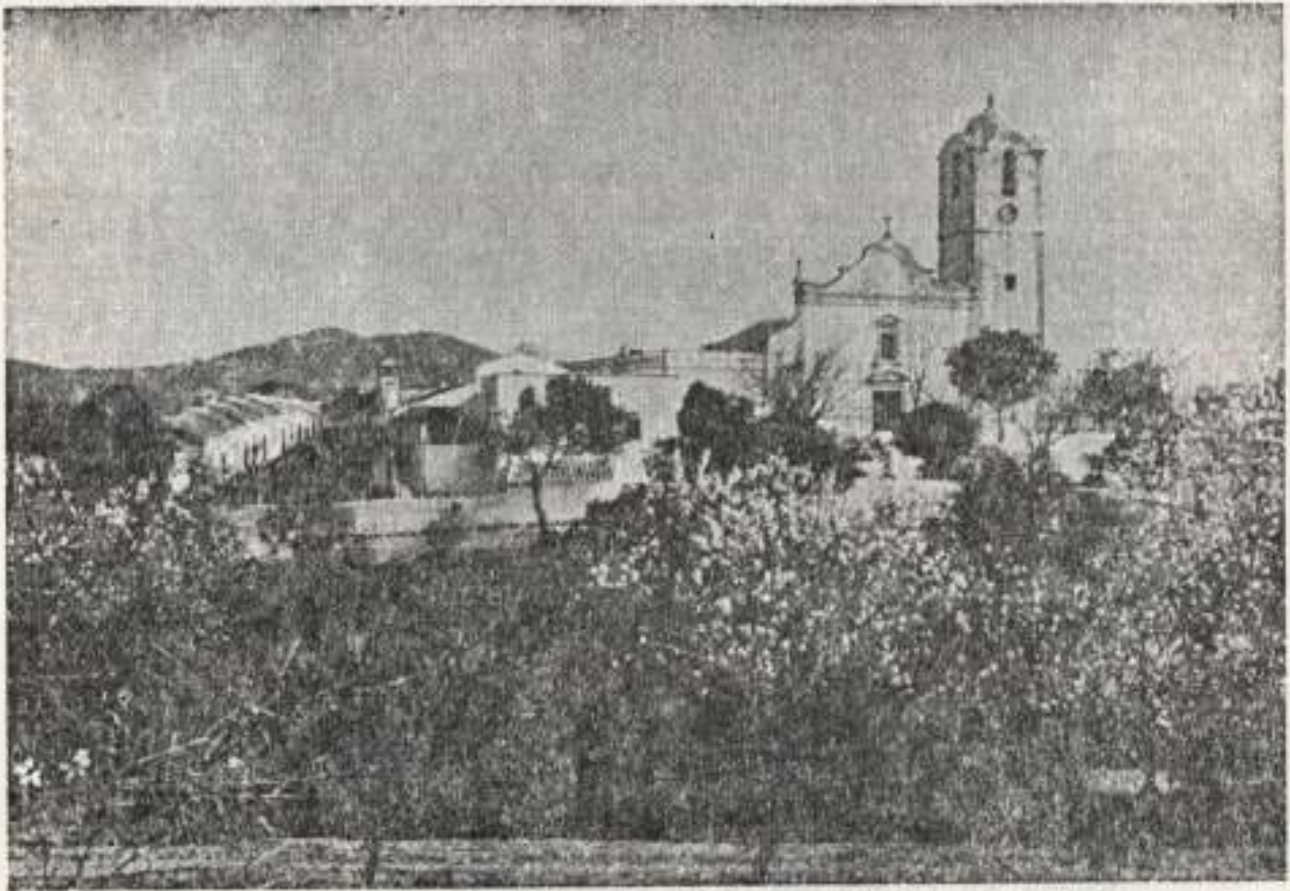
A igreja era formada por três naves com cinco tramos, pela capela mor, por uma sacristia com esta comunicante e por dois alpendres, um diante da porta principal e outro da porta sul. Junto deste último alpendre havia duas salas que serviam de estalagem aos romeiros, uma para descansar e outra para cozinhar. As paredes da igreja eram lisas, havendo para além das aberturas já pressupostas uma fresta na banda sul e um óculo sobre a porta principal. Os arcos das naves eram ogivais, tal como os três portais, os dois da saída para a rua e o da comunicação entre a capela mor e a sacristia. O arco triunfal era o de maior esplendor, sendo de volta perfeita, lavrado de ramos

e troços. As naves, a sacristia, os alpendres e as casas dos romeiros eram madeiradas de castanho e telhadas, sendo a capela mor abobadada de alvenaria com arcos, mísulas e cordões de pedraria.

A igreja tinha sido construída nos finais do século XV, no local onde anteriormente existia um templo mais modesto e de proporções mais limitadas, sendo bastante curioso verificar até que ponto uma pequena aldeia rural, afastada dez quilómetros de Faro, possuía uma igreja de três naves com capela mor abobadada de acordo com o formulário artístico manuelino.

Na segunda década do século XVI, especificamente em 1518, os seus habitantes e em particular os mordomos assumem a necessidade de se mandar fazer um retábulo para a capela mor da sua igreja. E assim foi. Algum tempo depois construía-se um retábulo já de acordo com as normas artísticas do Primeiro Renascimento. É extraordinário como nesta pequena localidade chegavam com facilidade os padrões artísticos da Renascença simultaneamente com as restantes regiões do país, em particular nas localidades algarvias. A exigência dos fregueses e dos mordomos é compreensível pois eles nada tinham a pagar pelo retábulo, isto é, era um direito que eles tinham como contrapartida de obrigações pagas, sem falta, anualmente. Deste modo competia à Ordem Militar de S. Tiago custear metade. O resto era suportado a meias pelo Bispo e pelo Cabido. Desde a reconquista cristã que a dita Ordem detinha o direito de visitaçào, de padroado e de eleição de clérigos de grande parte das igrejas algarvias. Tais regalias eram partilhadas com o Bispo, acontecendo por vezes graves desentendimentos entre estas duas entidades. Só com o Concílio de Trento e a correspondente obrigatoriedade de os bispos residirem nas suas dioceses é que se acentuou o predomínio deste sobre a Ordem. No Algarve foi, sobretudo, a partir da mudança do assento do bispado, de Silves para Faro, que, na prática, se constatou esta situação. Como reflexo verificou-se que, em

diversas localidades, algumas a nível do Oporto  
deixam de ser apenas locais, passando  
para um nível a ser considerado nacional, logo  
depois de serem reconhecidas.  
O primeiro a ser reconhecido foi o grupo de  
Santo António, de onde se originou o termo "Santo  
de Oporto" e que se tornou a designação para  
Santo António de Vila Verde de São Pedro e  
Santo António de Vila Verde de São Pedro.



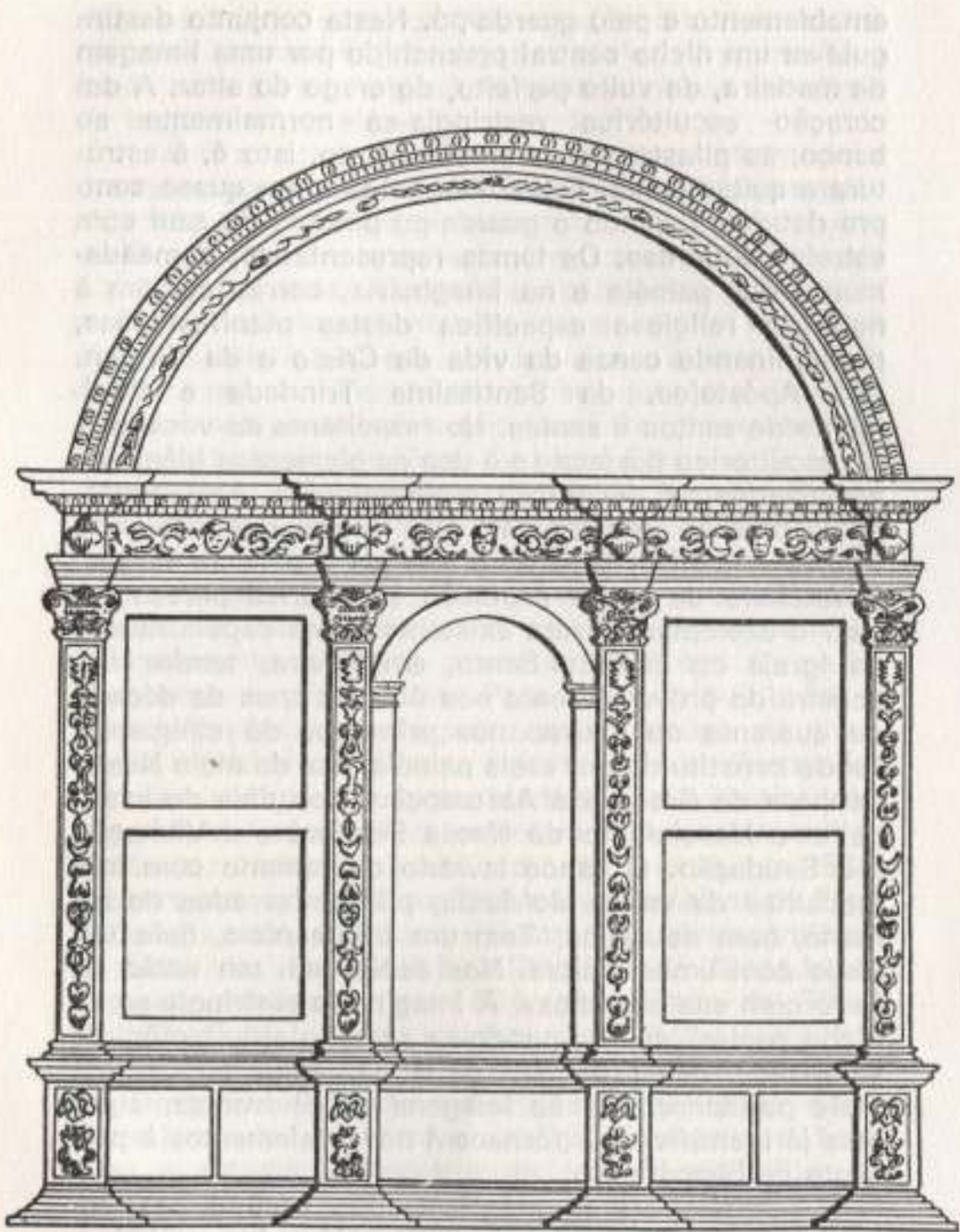
**Casa da Cultura António Bentes  
Biblioteca**

diversas localidades algarvias, a sobredita Ordem deixa de fazer visitasões a muitas igrejas, passando esta função a ser desempenhada somente pelo Bispo ou pelos seus ministros.

O retábulo então mandado construir na Igreja de Santa Bárbara de Nexse compunha-se de «cinco painéis, no do meio um encasamento e dentro uma imagem de Santa Bárbara, de vulto, de pau, meã e sobre ela uma coroa com dois anjos, tudo mui bem dourado, nos painéis do evangelho o Nascimento de Cristo, no de riba a Saudação, no da epístola a Visitação e o Trânsito de Nossa Senhora. No banco S. Tiago, S. Paulo, S. Pedro, Santo André e no meio Cristo à coluna. Pilares, extremos e molduras de ouro brunido. O guarda-pó, pintado de azul com umas estrelas de ouro, no meio um Jesus, tem um varão de ferro com sua corridiça vermelha».

As suas características, quer morfológicas, quer decorativas, aproximam-no dos restantes retábulos então construídos nas diversas localidades algarvias, dos quais é possível identificar documentalmente vinte e cinco exemplares, apesar de nenhum deles ter chegado aos nossos dias, distribuídos da seguinte forma: a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Albufeira tinha três, a de S. Clemente de Loulé três, a de Nossa Senhora da Conceição de Alte um, a de S. Sebastião de Salir um, a de Nossa Senhora da Assumpção de Querença um, a de S. Pedro de Faro um, a de S. Sebastião de Quelfes um, a de Nossa Senhora da Assumpção de Tavira quatro, a do Espírito Santo de Tavira um, a de Santana de Tavira um, a da Conceição de Tavira dois, a de Cacela um, a de S. Tiago de Castro Marim um e finalmente a de Nossa Senhora da Conceição de Martinlongo um.

Uma análise mais cuidada aos retábulos existentes no segundo quartel do século XVI permite verificar que eles se compunham de diversos painéis pintados a óleo, inseridos numa estrutura arquitectónica bem definida, composta pela predela, por pilastras, pelo



entablamento e pelo guarda-pó. Neste conjunto distinguia-se um nicho central preenchido por uma imagem de madeira, de vulto perfeito, do orago do altar. A decoração escultórica restringia-se normalmente ao banco, às pilastras e ao entablamento, isto é, à estrutura arquitectónica. Estes elementos eram quase sempre dourados, sendo o guarda-pó pintado de azul com estrelas douradas. Os temas representados, nomeadamente nos painéis e na imaginária, correspondiam à natureza religiosa específica destas manifestações, predominando cenas da vida de Cristo e da Virgem, dos Apóstolos, da Santíssima Trindade e finalmente de santos e santas. No respeitante ao vocabulário escultórico destaca-se o uso de elementos idênticos aos usados na decoração arquitectónica, com predomínio para as medalhas em alto relevo, representando figuras humanas, para os brutescos e para as vieiras. O retábulo de maior profusão escultórica parece ter sido o exemplar outrora existente numa capela lateral da Igreja do Espírito Santo, em Tavira, tendo sido construído provavelmente nos últimos anos da década de quarenta ou mesmo nos primeiros de cinquenta, sendo constituído por «seis painéis, nos do meio Nossa Senhora da Graça e a Assumpção, nos dois do evangelho o Nascimento de Nossa Senhora e a Visitação e a Saudação. O banco lavrado de romano com três medalhas de vulto. Molduras, pilares lavrados de romano, bem dourados. Tem um frontespício, nele um Deus com umas vieiras. Nos cabos tem um varão de ferro com sua corridiça». A imaginária restringia-se ao nicho central, subordinando-se ao todo arquitectónico, valorizado pelos painéis pintados. Uma abordagem mais pormenorizada às imagens sobreviventes, algumas já identificadas, fornecerá novos elementos à presente problemática.

Também outras manifestações escultóricas em madeira se podiam encontrar para além dos retábulos, das imagens de vulto e das alfaias correspondentes. Como exemplo refere-se que na Igreja de Cacela havia

nos meados do século XVI, umas «portas de bordo, lavradas de romano, de figuras e medalhas, novas e boas, com dois postigos, de quinze palmos de alto e de largo sete e meio».

Verifica-se então que a Escultura em madeira conheceu no segundo quartel do século XVI, na região algarvia, um importante desenvolvimento, idêntico ao verificado noutras manifestações, como a Ourivesaria e a Prataria, onde se constata constantes referências a alfaias religiosas existentes nos vários locais de culto, o Grafismo, que decorava as publicações da época, quer através de estampas, quer de vinhetas. Mas foi sobretudo na Arquitectura Religiosa, recentemente estudada pelo Prof. Dr. José Eduardo C. Horta Correia, que o formulário artístico do Primeiro Renascimento atingiu uma mais alta expressão.

O desenvolvimento regional das diversas actividades artísticas, como a arquitectura, a escultura, a pintura, a ourivesaria e a prataria, pressupõe um conhecimento bastante pormenorizado das formas e dos temas renascentistas. Para tal contribuiu não só as publicações aqui chegadas, quer manuais de divulgação artística ou mesmo estampas, quer ilustrações de obras religiosas. Como hipótese de exemplar aqui chegado no século XVI refere-se o Apocalypsum de Ansbertus Ambrosius, publicado em Colónia, em 1536, actualmente existente na Biblioteca Municipal de Faro, decorado com vinhetas e ilustrações renascentistas. O facto das Constituições Sinodais do Bispado do Algarve, publicadas em 1554, pelo Bispo de Silves D. João de Melo, apresentarem nas vinhetas elementos idênticos aos usados na obra «Medidas del Romano» de Diego de Sagredo reflecte a vulgarização deste autor junto dos responsáveis religiosos algarvios. Também a estadia temporária ou mesmo definitiva de artistas e artífices que tinham aprendido essas normas noutras regiões, em particular na cidade de Lisboa, contribuiu para a divulgação desses valores. No caso específico da escultura de madeira é de salientar a

importância da cidade de Lisboa como grande centro de influência artística, exercendo algumas das suas obras uma influência bastante acentuada em exemplares algarvios. Como testemunho desta situação aponta-se a semelhança outrora existente entre um retábulo da Igreja da Conceição de Lisboa e o de Cristo Crucificado da Igreja de N.ª Sr.ª da Assumpção de Tavira, em que era possível transitar por debaixo de ambos.

Em relação à produção da escultura de madeira e das actividades artísticas com ela relacionadas, quer a pintura figurativa a óleo, quer o douramento, surgiram nesta região várias oficinas locais. A cidade de Tavira deve ter sido então o grande centro produtivo, não só por ter sido a localidade do litoral algarvio a ter conseguido mais cedo a elevação a cidade, com o correspondente desenvolvimento que isso implica, mas também por nela se situar um terço dos retábulos aqui referenciados e alguns deles de grande qualidade artística. A reforçar esta situação refere-se o nome do pintor Pedro de Campânia, o provável responsável pela pintura das telas e do douramento da estrutura arquitectónica do retábulo outrora construído na Igreja da Misericórdia de Tavira. Devem ter sido pois os profissionais desta cidade os contactados pelos mordomos da Igreja de Santa Bárbara de Nexe para lhes fazer o retábulo para a capela mor da sua igreja.

Esta atitude reflecte a vulgarização dos padrões eruditos da Renascença italiana junto de camadas da população rural. Para a sua vulgarização bastante deve ter contribuído alguns sectores da população, em particular os responsáveis pela encomenda artística das localidades do litoral algarvio, apesar de se não conhecer todavia a participação da comunidade italiana residente no Algarve, ligada às fainas marítimas.

Durante cerca de uma geração, isto é, dos anos vinte aos anos cinquenta, as novidades artísticas passavam pelos valores «à romana» e afirmavam-se gradualmente, sobretudo no litoral, aos padrões flamengos. A manutenção dos seus princípios foi substancial-

mente interrompida nos anos cinquenta, após o Concílio de Trento e os poucos exemplares sobreviventes a este movimento foram definitivamente retirados quando nos finais do século XVII ou nos princípios do XVIII o Barroco se afirmava de forma avassaladora, sobretudo na decoração interior, nomeadamente através da talha. Foi o que aconteceu com o retábulo da capela mor da Igreja de Santa Bárbara de Nexe que nos princípios do século XVIII ainda é referido como muito velho mas que em 1733 não resiste à acção do Reverendo Padre Cura que manda construir o exemplar ainda existente.

Como curiosidade refere-se que estas manifestações escultóricas por vezes eram «visitadas» por representantes de povos estrangeiros que assolavam esta região, sobretudo no verão. A sua acção era de tal forma sentida que na igreja de N.ª Sr.ª da Conceição de Tavira o «sacrário, lavrado de romano, com seus encorcamentos bem dourados» não tinha «o Sacramento por medo dos Mouros» e recomenda-se que «havia-se de mandar ter no inverno».

## BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- ANICA, Arnaldo C. — *Tavira e seu termo*, Tavira, 1981
- BAZIN, Germain — *Morphologie du rétable portugais*  
in *Belas Artes*, 2.ª Série, 5, Lisboa, 1953
- CORREIA, José Eduardo D. Horta — *A Arquitectura religiosa no Algarve de 1520 a 1600*, Lisboa, 1984
- CORREIA, José Eduardo C. Horta — *A Arquitectura algarvia do século XVI ao século XIX — Tentativa de caracterização* in IV.º Congresso do Algarve, Montechoro, 1986
- LOPES, João B. da Silva — *Corografia do Reino do Algarve*, Lisboa, 1841
- MAGALHÃES, J. Romero — *O Algarve no século XVI*, Lisboa, 1970
- MOREIRA, Rafael — *A introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica*, Coimbra, 1981
- PINTO, Maria Mendonça — *Santa Bárbara de Nexe — Estudo Monográfico*, Santa Bárbara de Nexe, 1987
- VISITAÇÃO DE IGREJAS ALGARVIAS DA ORDEM DE SÃO TIAGO DE 1554. *Apresentação, leitura e notas de Francisco I. C. Lameira e de Maria Helena Rodrigues dos Santos*, Faro, 1988

Centro Cultural António Gomes  
Biblioteca

---

**Composição e Impressão:**  
**Tipografia União - Folha do Domingo, Lda.**  
**F A R O — 1990**

---

Centro Cultural António Gomes  
Biblioteca